



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i2.1514>



Ainda ouvir contar: outros textos em história oral (mas não só)

Lucileide Costa Cardoso*

ORCID iD 0000-0001-5080-3387

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil



ALBERTI, Verena. *Ainda ouvir contar: outros textos em História Oral (Mas não só)*. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

* Professora Titular do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (PPGH/UFBA). E-mail: lucileidec@ufba.br.

O advérbio de tempo que marca o começo do título desse livro adverte sobre a emergência da rememoração como recurso ao esquecimento. O adjunto adverbial “ainda”, de pronto também nos coloca diante da inflexão do romance de Marcelo Rubens Paiva *Ainda estou aqui*, publicado em 2015, e que virou filme e concorre neste ano de 2024 a vários prêmios no Festival de Cinema em Veneza. Marcelo narra a história de sua mãe Eunice, advogada e viúva do morto e desaparecido político, deputado federal Rubens Paiva, um dos casos mais escandalosos da repressão perpetrada pela ditadura civil-militar brasileira. Eunice empreendeu uma grande luta pela justiça e pela verdade no Brasil, mas acometida pelo mal de Alzheimer viveu os dilemas da amnésia forçada. Contudo, o seu filho devolveu-lhe a voz, preocupando-se em registrar o seu legado para que nunca mais se esqueçam de sua luta que é a de várias outras mulheres e mães vítimas do regime. Tal como Marcelo Rubens Paiva, o título do livro de Verena Alberti, editado pela Letra e Voz, nos remete a essa posição de que ainda é possível ouvir e contar histórias, através do bom uso da metodologia da história oral, “mas não só”, como nos adverte a autora. Ela alarga a tessitura das fontes possíveis para a reflexão sobre conceitos, teorias, metodologias que circundam as boas práticas em história oral, ancoradas na filosofia, história, antropologia, psicanálise e tantas outras áreas do conhecimento. Ao ler o seu livro, reforçamos o desejo de que ouvir os outros seja sempre o exercício da memória enquanto dever na luta contra o esquecimento, complexizando o vivido e dando sentido à existência em busca de um fazer coletivo.

Feito o preâmbulo, coloco-me, inicialmente, mais como uma leitora curiosa, entusiasmada com novas descobertas de ouvir contar histórias e aprender com o amplo leque de possibilidades oferecidas pela história oral, “mas não só”. O livro de Verena Alberti entrelaça experiência, relação dialógica, enunciação, extremos e enquadres, estruturando o fio condutor para a compreensão de suas inquietações. Logo na introdução, a autoria já situa o momento da escrita no quadro pandêmico da Covid-19, que afetou a todos(as) nós e nos colocou diante da suspensão da vida e dos impasses dos possíveis futuros. No formato ensaístico, próprio de voos mais altos alcançados pelo amadurecimento intelectual, Verena opta pela linguagem inclusiva ao citar Paulo Freyre, que reconheceu a linguagem machista no livro *Pedagogia do oprimido* e resolveu em *Pedagogia da esperança* voltar a sua atenção para mudar a linguagem como um passaporte para mudar o mundo.

O trabalho revela uma escrita equilibrada no primeiro capítulo ao sistematizar a palestra de Ângela de Castro Gomes, *Precarização do trabalho e pandemia*, proferida em 2020. Ângela toma como ponto de partida as entrevistas já publicizadas do líder dos Entregadores Antifascistas, Paulo Lima, que comandou várias manifestações em São Paulo, do Largo da Batata em 2020 a manifestações no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e em frente ao Tribunal Regional do Trabalho (TRT-SP), denunciando as novas formas de exploração do trabalho da rede de aplicativos e definindo uma agenda de ações coletivas em busca de direitos. A historiadora contextualiza a Reforma Trabalhista de 2017 e os seus efeitos perversos em destacar o empreendedorismo

como mola propulsora do desenvolvimento capitalista para as classes trabalhadoras, prevalência clarividente da destruição dos direitos herdados da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

No entanto, o foco central de Verena é discutir o conceito de experiência como fundamental para a reflexão teórica, seja a partir da reutilização de fontes orais já publicizadas, como fez Ângela de Castro, seja através de um Programa de História Oral, como a que fez no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), em conjunto com Ignez, sobre a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), localizada em Volta Redonda. A pesquisa desenvolvida entre os anos de 1998 e 1999 consistiu em realizar 11 entrevistas com pioneiros e construtores da CSN entre os anos 1940 e 1950, tendo como principal mote o orgulho nacional do trabalhador brasileiro, no contexto do segundo governo Vargas. Apesar dessa experiência positiva, a autora situa a precarização do trabalho como uma constante na nossa história. Sem deixar de observar os avanços da PEC das Domésticas iniciada em 2012 e concluída em 2015, afirma que o sintoma dessa realidade persiste ainda hoje, com 70% das domésticas na informalidade.

Imagens e domínio historiográfico impregnam as reflexões em busca de um sentido histórico mais amplo para compreender o processo de exploração do trabalhador, envolvendo negociações e conflitos entre a dimensão econômica, política e social, condição histórica vivida por muitos trabalhadores que resistiram e resistem aos desmandos dos governos liderados por Michel Temer e Jair Bolsonaro entre os anos de 2016 e 2022, que engessaram retrocessos em nosso país. Podemos acrescentar que estamos situados num terreno complexo de entendimento da história social da memória, a partir do diálogo que a autora estabelece entre o campo da história, memória e oralidades. Assim, processos híbridos são enunciados entre o campo político institucional que consolidou o trabalhismo no Brasil e a violência perpetrada pelo Estado.

Outro ponto forte do livro é o estudo sobre a condição inerente ao humano de estarmos sempre implicados e implicadas com o campo do saber. Retoma Marx para pensar o conhecimento como uma atividade concreta, ligada a uma práxis. Cita vários autores, incluindo Reinhart Koselleck, ao discutir o caráter heterogêneo dos conceitos “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”. Para exemplificar essas questões, revisita uma entrevista que realizou há 25 anos com o advogado Evandro Lins da Silva, parte de um projeto de história oral sobre “Trajetória e desempenho das elites políticas brasileiras”, realizado pelo CPDOC-RJ. Verena foi motivada por novas questões colocadas na série de *podcast Praia dos ossos*, que através de 8 episódios reviveu o episódio da morte de Ângela Diniz e ao julgamento do seu assassino Doca Street, cujo advogado de defesa foi Evandro Lins da Silva. Aqui, a autora demonstra que o reuso da entrevista da história oral é bastante salutar para iluminar novas questões e desafios colocados pelo presente, como, por exemplo, a questão do feminicídio, dos direitos da comunidade LGBTQAPN+, racismo, dentre outros temas. Ou seja, ao rever a

entrevista, foi capaz de interpretá-la sob novos prismas que antes não tinha se atentado. Portanto, implicar-se com o registro oral é pensar os seus efeitos sociais e políticos ao longo do tempo, especialmente sob influência na formação dos futuros.

Ao abordar múltiplos aspectos do campo do enunciado e da enunciação, próprios de preocupações dos(as) linguísticos(as) e antropólogos(as), Verena corrobora com o campo da história oral ao focar no conceito de “territorialidades discursivas” para pensar que texto e contexto estão imbricados na realização das entrevistas. Seus exemplos situam a “não entrevista” de Guimarães Rosa, o comando nos rumos da entrevista pelo antropólogo Darcy Ribeiro, que impactou os pesquisadores do CPDOC, a entrevista mais recente de Doca Street, assassino de Ângela Diniz já bastante documentada, dentre outros complementos. A inquietação de Verena pode ser aqui resumida: “O que exatamente almejamos quando entrevistamos uma pessoa cuja experiência e cujas reflexões já estão ‘mais do que documentadas?’” (Alberti, 2024, p. 71).

A partir dessa formulação, ela parte para discutir os “extremos”, no seu quarto capítulo. São raras, mas acontecem situações-limite durante a realização de entrevistas. Para tanto, alerta que se deve evitar tais situações tensas e de conflitos e nos coloca diante das reflexões de Alessandro Portelli: “a única técnica [do trabalho de história oral] são as boas maneiras”; as boas maneiras e o “respeito” (Portelli, 2022, p. 328 *apud* Alberti, 2024, p. 81). Discute também a imprevisibilidade que ocorre durante e após as entrevistas e que podem gerar novas reflexões e criatividade, tema do livro que reúne 30 autores sob o título *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*, organizado por Miriam Hermeto e Ricardo Santhiago em 2022. Entre eles, a autora destaca o prefácio do livro escrito por Mercedes Villanueva e o já citado posfácio “À espera do inesperado” de Portelli, que sela com suavidade essa questão.

No último capítulo, reflete sobre a noção do enquadre ou “dentro da moldura”, voltando a defender que a história oral deve se moldar no campo da “territorialidade discursiva” e diferencia a entrevista em história oral da jornalística, afirmando, categoricamente, de que não se trata de depoimento, nem de autobiografia, “ainda que tangencia todas essas possibilidades”. Embora esteja presente o elemento da conversa, a entrevista não se resume a essa situação, ela produz um documento de história oral. Outra característica fundamental é a oralidade que encontramos dentro da moldura da história oral, imprimindo “o ritmo, a contingência, as negociações e as construções de sentido enunciadas por sons que não precisam ser palavras” (Alberti, 2024, p. 95). Assim, conclui que a entrevista não é apenas um relato do passado, mas uma ação do presente. Em suas últimas páginas, alerta para os riscos da empreitada com a história oral, recuperando o quanto é custosa, demorada e pantanosa, para além das disputas de memórias em que se vê envolta a vida do(a) pesquisador(ra), lembrando Jacques Le Goff, que todo documento é um monumento do passado. Enfim, a autora radicaliza ao dizer que só se deve adotar a metodologia da história oral se de fato, “sua pergunta de pesquisa só puder ser respondida por meio das narrativas de experiência pessoal

de possíveis entrevistados e entrevistadas (Alberti, 2024, p. 100). Em suma, também afirma que não se adota a metodologia apenas para confirmar com o uso ou reuso das entrevistas orais o que já se sabe através de outros documentos.

Por fim, assumir nesta resenha a posição de uma interlocutora, que se sente à vontade para pôr em debate algumas reflexões e ideias provocadas pelas páginas que modelam o livro. A História Oral ancorada na História do Tempo Presente permitiu à autora coletar esse material e escutar de forma acurada essas “vozes”, que emergem no texto com a função de recordar e emocionar os seus leitores. A bem dizer, Verena é sensível ao trabalhar com a história oral, “mas não só”, coletando e organizando conceitos, teorias e metodologias, entremeados com o que denominamos de certa tradição filosófica e historiográfica. Assim, os traços gerais dos/as seus/suas entrevistados/as e de outros, são revisitados com passos seguros e problematizados, mesclando texto e contexto, atenta para a dimensão e as múltiplas influências de autores/as internacionais e nacionais que também se debruçaram sobre os dilemas da produção e da interpretação em história oral. O resultado é uma escrita não burocrática, caracterizada pela presença do sujeito que narra e das diferentes “vozes” dos/as entrevistados/as e de sua sensível interpretação.

Recebido em 10/08/2024

Versão final reapresentada em 16/08/2024

Aprovado em 19/08/2024